

V.21 n°44 (2025)

REVISTA DA  
**AN  
PE  
GE**

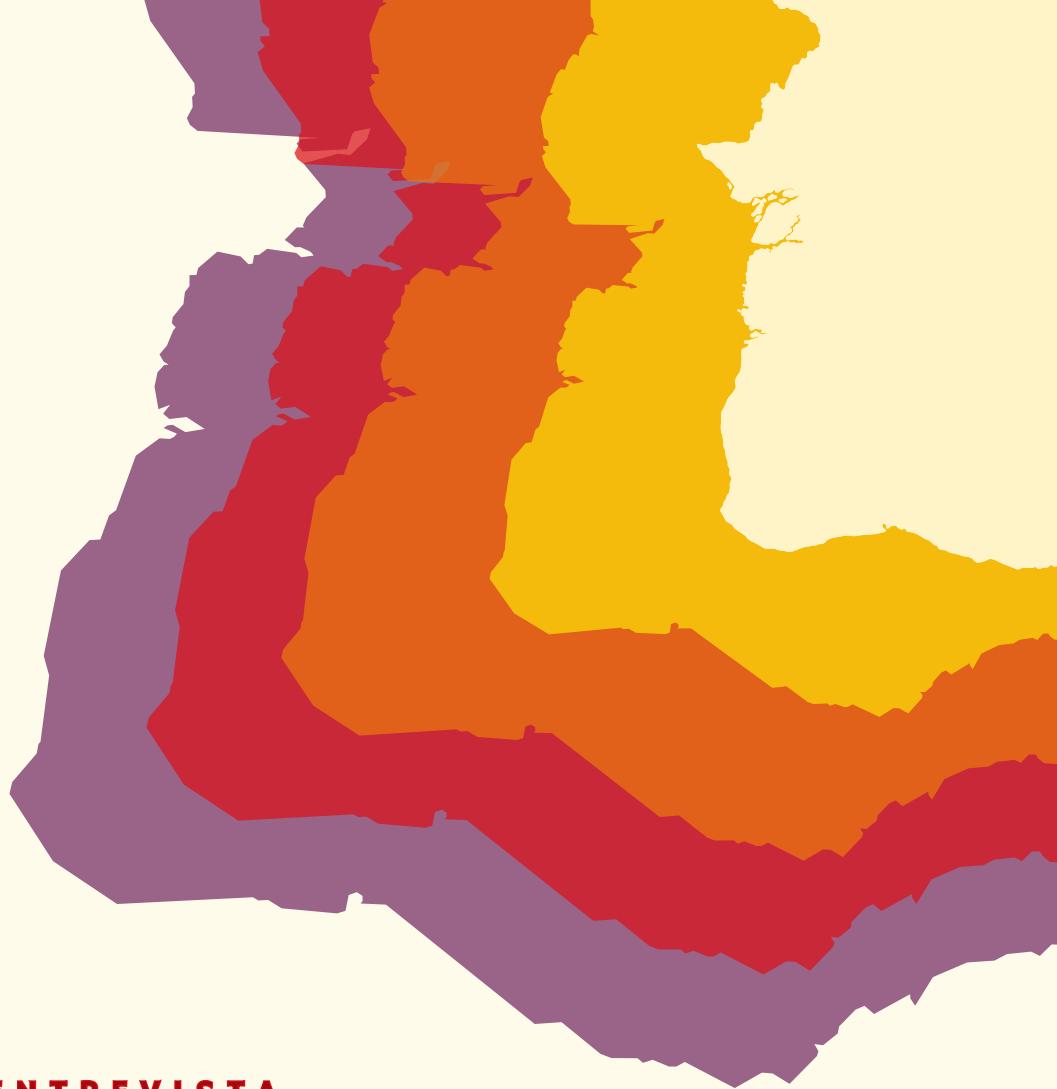
ISSN 1679-768X

a

**ANPEGE**

---

Associação Nacional  
de Pós-graduação e  
Pesquisa em Geografia



**ENTREVISTA**

**Entrevista com Judite Medina do Nascimento:  
desafios da pesquisa e da gestão em espaços  
insulares**

---

*Interview with Judite Medina do Nascimento: challenges of research and  
management in island spaces*

*Entrevista a Judite Medina do Nascimento: desafíos de la investigación y la  
gestión en espacios insulares*

DOI: 10.5418/ra2025.v21i44.20179

**LUIS RICARDO FERNANDES DA COSTA**

Universidade Estadual de Montes Claros

**VLÁDIA PINTO VIDAL DE OLIVEIRA**

Universidade Federal do Ceará

**V.21 n.º44 (2025)**

e-issn : 1679-768X

**RESUMO:** Os professores Luís Ricardo Fernandes da Costa (Universidade Estadual de Montes Claros) e Vládia Pinto Vidal de Oliveira (Universidade Federal do Ceará) registram importante diálogo com a professora Judite Medina do Nascimento, pesquisadora residente na cidade de Praia, ilha de Santiago, que compõe o arquipélago de Cabo Verde, país localizado a cerca de 500 km da costa africana. A entrevistada apresenta importante contribuição na Pesquisa, Ensino, Extensão e Gestão, com destaque para sua passagem pela Reitoria da Universidade de Cabo Verde – Uni-CV. Apresenta ainda um belo registro de sua formação, onde relata o contato com diferentes culturas na sua jornada acadêmica. Judite Nascimento, professora que superou barreiras e que ainda contribui de forma substancial para o desenvolvimento do Arquipélago Cabo Verdiano.

**Palavras-chave:** trajetória. pesquisadora. cabo verde.

**ABSTRACT:** Professors Luís Ricardo Fernandes da Costa (Universidade Estadual de Montes Claros) and Vládia Pinto Vidal de Oliveira (Universidade Federal do Ceará) recorded an important conversation with Professor Judite Medina do Nascimento, a researcher living in Praia, on the island of Santiago, which is part of the archipelago of Cape Verde, a country located approximately 500 km from the African coast. The interviewee has made important contributions to research, teaching, outreach and management, with emphasis on her time as the Rector of the University of Cape Verde – Uni-CV. She also presents a beautiful account of her education, where she describes her contact with different cultures during her academic journey. Judite Nascimento, a professor who overcame barriers and who continues to contribute substantially to the development of the Cape Verdean archipelago.

**Keywords:** trajectory. researcher. cape verde.

**RESUMEN:** Los profesores Luís Ricardo Fernandes da Costa (Universidade Estadual de Montes Claros) y Vládia Pinto Vidal de Oliveira (Universidade Federal do Ceará) grabaron una importante conversación con la profesora Judite Medina do Nascimento, investigadora residente en Praia, isla de Santiago, parte del



Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

archipiélago de Cabo Verde, país ubicado a aproximadamente 500 km de la costa africana. La entrevistada ha realizado importantes contribuciones a la investigación, la docencia, la extensión y la gestión, con énfasis en su etapa como rectora de la Universidad de Cabo Verde – Uni-CV. También presenta un hermoso relato de su formación, donde describe su contacto con diferentes culturas durante su trayectoria académica. Judite Nascimento, una profesora que superó barreras y que continúa contribuyendo sustancialmente al desarrollo del archipiélago caboverdiano.

**Palabras clave:** trayectoria. investigador. cabo verde.

**Entrevista:**



Foto: Professora Judite Medina do Nascimento. Gabinete de Comunicação da Uni-CV, 2019.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Judite, fale-nos um pouco da sua história de vida, onde você nasceu e cresceu?

Boa tarde, meu nome é Judite Medina do Nascimento. Sou cabo-verdiana de nacionalidade e os meus pais também são cabo-verdianos, mas eles migraram para Angola na década de 1960 para trabalhar na administração pública. Meus pais tiveram cinco filhos: três meninas e dois rapazes. Eu sou a segunda filha. Cresci até os onze anos na cidade do atual Huambo (antiga Nova Lisboa), em Angola. Assim, vivo em Cabo Verde desde 1980, quando todos nós regressamos para Cabo Verde e nos fixamos definitivamente. Vivi em Cabo Verde em várias ilhas. Residi em São Vicente, onde fiz meus estudos liceais (atual Ensino Secundário), mas também na ilha de Santo Antão e na ilha de Boa Vista. Logo em seguida, cursei minha licenciatura na Ucrânia e depois regressei para Cabo Verde e me fixei na ilha de Santiago, onde meus pais e meus irmãos estavam residindo. Dessa forma, estou aqui desde então e tenho dois filhos já adultos e formados.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** O que a levou a cursar Geografia e por que na Ucrânia?

Ah, isso é muito interessante! Desde muito pequena eu me interessava sobretudo com Astrologia. Eu gostava muito de Astrologia, Astronomia e pensava que iria escolher algo relacionado ao espaço. Eu queria algo relacionado ao cosmos. Sempre gostei de explorar o espaço e observar as estrelas, a Lua. Ainda gosto! É uma das coisas que eu mais gosto para relaxar, observar o céu. Esse foi o primeiro “bichinho” né!? Depois eu tive outra influência de minha mãe, professora na época. Eu sou filha de professora. A minha mãe teve várias profissões ao longo da vida e uma delas foi professora. Quando eu era pequena gostava de vê-la em ação e assim ela acabou me influenciando, eu queria imitá-la. Eu imitava, ensinava minhas bonecas e as minhas amigas. Eu sempre quis ser professora. Inclusive nessa área, nas ciências da Terra. Mas o que me fez escolher Geografia diretamente foi uma professora de Geografia que eu tive. Além dessa professora de Geografia, uma professora de história. Eu me apaixonei pela Geografia e pela história, são as minhas duas paixões. Essas duas professoras foram dois grandes exemplos do que é ser professora, além de minha mãe. Essas duas professoras despertaram em mim essa paixão pela Geografia e pela história. A forma como elas transmitia os conhecimentos, além do que os programas das disciplinas eram ricos em conteúdos, portanto eu saí do ensino secundário com conhecimento muito abrangente sobre a história universal e sobre a Geografia universal. Então, pra mim, eram as áreas de grande paixão e continuam sendo, por isso escolhi Geografia quando terminei o ensino secundário. As minhas duas primeiras opções foram essas, História e Geografia. Na verdade, era Geografia em primeiro lugar e História em segundo lugar. Ainda tinha Etnologia, uma área que me interessava muito. Astronomia foi se perdendo com o tempo, mas ficou a paixão pelas estrelas e pela lua. Depois de escolher a Geografia, fui para a Ucrânia. Conseguí uma bolsa da cooperação bilateral com a antiga União Soviética e Cabo Verde. Naquela época, utilizou-se de uma estratégia para a capacitação dos recursos humanos, de acordo com a filosofia desenvolvida por Amílcar Cabral. A educação tinha que ser um pilar estratégico, porque se tratava de um país insular, com os desafios da insularidade, poucos recursos naturais e minerais e, para além disso, estava na zona do Sahel, de clima seco, árido e semiárido. Além disso, não tinha minerais que permitissem um pleno desenvolvimento. Não

tínhamos, assim, um substrato para o desenvolvimento socioeconômico. Dessa forma, era necessária uma valorização primordial dos recursos humanos. A educação superior tinha que ser uma prioridade e, assim, o governo de Cabo Verde negociou com vários países do mundo um conjunto de bolsas de estudo para possibilitar a capacitação de quadros para assumir o desenvolvimento do país. Assim, eu cheguei à Ucrânia com uma bolsa de estudos em 1989 e, no primeiro ano, fiz um curso preparatório com foco na língua, mas também de nivelamento. A universidade onde estudei, apesar da destruição de que está sendo objeto agora com a guerra da Ucrânia, continua a ser uma grande universidade. Na época, fizemos três meses de língua russa intensiva, um verdadeiro banho de língua. Nós só falávamos russo das 8 da manhã às 8 da noite. Mergulhávamos em atividades em que tínhamos que, obrigatoriamente, falar e escrever em russo. Assim, foi um ensino intensivo muito interessante, com a metodologia que eles utilizavam. Em três meses, nós já falávamos russo, uma coisa impressionante! Para mim, foi uma experiência fantástica. Depois de três meses, o resto do ano foi focado na Geografia, para criar as bases para que nós pudéssemos entrar no primeiro ano com o mesmo nível dos estudantes locais, sem qualquer distinção de nível ou origem. A licenciatura tinha duração de cinco anos, portanto, foi de 1990 a 1995, quando concluí o curso de Geografia e Conservação dos Recursos Naturais.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Como foi sua experiência na Pós-Graduação em Portugal e na França?

Eu tive sorte e percebi que sou muito privilegiada! Sempre fui uma pessoa muito aventureira e sobretudo sempre gostei de línguas. Por outro lado, tendo nascido em Angola, crescido uma parte lá e depois ter o contato com a Ucrânia, comecei a apaixonar-me pela multiculturalidade. Então eu comecei a ter também uma outra questão, como já havia lhe dito, a minha terceira opção era Etnografia e Etnologia. A minha primeira opção quando terminei o ensino secundário. Sempre me interessei por ver como é que os outros povos viviam, como é que eram as outras culturas e como se falavam outras línguas. Essa era uma paixão também. Tem a ver com a minha história pessoal, porque em casa os meus pais falavam a língua cabo-verdiana e a língua portuguesa quando eu era pequena. Isso despertou em mim um potencial para as línguas, o que aconteceu na União Soviética estudando a língua russa. Isso despertou uma outra ideia que eu tenho, que era de conhecer outros sistemas e pessoas. Conseguir essa ponte para estudar em Portugal, fiz o meu mestrado com uma experiência fantástica. Foi uma oportunidade também imensa de ter contato com os autores clássicos da Geografia Portuguesa. Um exemplo foi a maior obra de Geografia em Cabo Verde, que ainda continua a ser a maior livro, Santiago de Cabo Verde a Terra e os homens, do Professor Ilídio do Amaral. Muitos dos meus Professores em Portugal hoje são meus colegas, com quem mantendo relação de proximidade. No Instituto Superior de Educação, éramos um grupo de pessoas que gostavam de investigação, então nós já desenvolvíamos investigação mesmo que não fosse missão da nossa instituição. Já publicávamos e participávamos em eventos internacionais de caráter científico. Temos um vulcão ativo em Cabo Verde e por coincidência em 1995 quando eu integrei a instituição tinha havido uma erupção, então nossa Instituição esteve muito ligada a erupção, com pesquisas sobre os impactos dela. Nós já tínhamos a aspiração de tentar fomentar a ascensão do Instituto Superior de Educação a uma universidade e já refletíamos, em grupos de reflexão, o debate e a possibilidade de fundação de uma universidade pública em Cabo Verde. Minha história se

confunde um pouco com a própria história da universidade. Fiz a minha carreira totalmente na universidade, à qual estou ligada há pelo menos trinta anos.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** E no doutorado, como foi essa experiência?

Concluído o mestrado, voltei para Cabo Verde em 2004. Em 2004, a Comissão Instaladora da Universidade de Cabo Verde, lançou um concurso de bolsas de doutoramento para docentes da nossa instituição. Fui uma das selecionadas para fazer o doutoramento em França! Foi o meu desafio seguinte. Portanto fui para França e estive lá na Universidade de Rouen na Normandia. Conclui o doutoramento na área de ordenamento de espaços urbanos. Eu tive a oportunidade e o privilégio de ter estudado a licenciatura num país socialista e, portanto, ter tido a perspectiva mais socialista da Geografia, embora eu tenha me especializado mais na Geografia Física. Depois, fui para Portugal, um país capitalista e, depois, França, outro país capitalista, mas com um cunho socialista também muito forte. Senti que a Geografia francesa está muito mais próxima daquilo que foi a Geografia que eu aprendi na licenciatura. Ter vivenciado esses três sistemas, em uma perspectiva multicultural da Geografia, além de me interessar muito por fenômenos relacionados com o crescimento urbano e a diferenciação socioeconômica do espaço urbano, a disseminação do espaço, as assimetrias espaciais e socioeconômicas dentro dos espaços urbanos, talvez tenha a ver. Não sei! Nunca parei para pensar muito nisso, mas talvez tenha a ver com essa minha história. Portanto, por isso é que eu escolhi Geografia! Um aspecto importante que determinou o fato de ter escolhido a Ucrânia e a União Soviética foi o contato precoce com as obras de Marx e Engels. Ainda no liceu, eu tinha dúvidas se existiria realmente algum país que tivesse implementado o socialismo. Como é que seria possível viver num país com um regime socialista? Era uma interrogação grande, uma curiosidade! Sempre fui muito curiosa e gostei do desconhecido. Portanto, essa foi uma das razões da minha escolha. Podia ter me candidatado para outros países, mas candidatei-me exatamente para a União Soviética porque eu queria conhecer o sistema. Queria ver como é que se vivia nesse sistema. Tudo aquilo estava mais próximo do que é a minha filosofia de vida e os meus princípios.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Um relato muito rico e com uma diversidade de experiências, além da coragem para fazer tudo isso.

Coragem e também inconsequência dos 18 anos! Mais o espírito de aventura. A gente sabe que o desconhecido acaba por ser apaixonante! Não sei se teria tanta coragem hoje com minha idade, mas aos 17, 18 anos a gente está preparada para isso!

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Qual foi sua experiência em pesquisas realizadas ao longo da sua trajetória profissional e como é viver em um arquipélago? Quais os desafios e avanços que acredita que já conseguiu em sua trajetória profissional?

A maior parte das minhas pesquisas são contexto insular e os desafios são grandes! Acessibilidade é um deles. Nós temos um território fragmentado. A descontinuidade geográfica tem custos para tudo o que nós queremos fazer. Se eu quero fazer uma investigação sobre as ilhas de Cabo Verde e se o objeto de estudo forem todas as ilhas eu tenho uma dificuldade enorme para conseguir um bom

acesso a todas as ilhas. A acessibilidade é sem dúvida um dos grandes condicionantes que nós enfrentamos na pesquisa em nosso território. Assim, sempre estamos sujeitos a escolher os territórios mais próximos e de maior acesso. Não é à toa que os meus estudos são sempre dentro da ilha de Santiago e, sobretudo, na cidade da Praia. No Brasil, você não tem esse problema: precisa apenas de um carro e combustível para atravessar grandes distâncias. Entre as ilhas, ainda temos a opção do avião, mas estamos dependentes da disponibilidade das linhas e empresas. Essa dificuldade afeta um pouco os trabalhos de campo, mas sempre procuramos inovar com boas metodologias. São metodologias que fomos aprendendo ao longo da nossa vida. Eu tive contato com três realidades muito ricas e distintas: da Ucrânia, passando por Portugal e a França. Uma vivência internacional que acabamos por inserir nas nossas universidades. Além disso, em Cabo Verde, também tem o fato de o professor-investigador ter contato com outras realidades através do sistema de mobilidade internacional. Isso nos permite ter contato com universidades a nível mundial, principalmente com o Brasil. Outras universidades a nível mundial nos permitem, também, abrir um pouco o leque para metodologias que dão suporte à investigação na área da Geografia Urbana, uma área que me interessa muito: o crescimento urbano, o desenvolvimento urbano sustentável e questões ligadas ao conforto urbano. Outra área que me interessa muito é o planejamento urbano e o ordenamento do território. São essas as áreas que realmente me interessam e tenho explorado nas minhas pesquisas.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Que bom! E você teve experiências na gestão na Reitoria. Poderia nos falar um pouco desse período?

Eu sempre fiz qualquer coisa na gestão! Nós temos um estatuto que prevê isso desde 2006. Em Cabo Verde prevê que o docente possa substituir as aulas e participar na gestão. Eu sempre tive carga horária de gestão e de investigação às vezes. Quando eu estava a fazer o doutoramento e mestrado, mais a pesquisa, naturalmente. Em 2014 encontrei um desafio da candidatura à reitoria da Universidade de Cabo Verde incentivada por um grupo colegas professores, funcionários e estudantes da Universidade. Conseguir ganhar as eleições em 2014 e cumprir o primeiro mandato e o segundo mandato entre 2018 e 2022. Estive afastada da docência por 8 anos, mas mantive uma disciplina que era no doutoramento e do mestrado. Foram muitos desafios como Reitora, onde fui a primeira mulher Reitora da Universidade, por enquanto ainda a única.

Isso não significa que os desafios eram poucos, pelo contrário. Tive que desbravar terrenos ainda pouco explorados. Dessa época guardei exatamente essas experiências positivas de aprendizagem como gestora. Acabei por tocar as questões financeiras e recursos humanos da Universidade. Foi um período muito importante para minha carreira. Conseguimos desenhar programas que conseguissem transformar os pontos fracos em pontos fortes e acho que conseguimos isso em vários aspectos. Nós conseguimos, em termos de infraestrutura, transformar a nossa universidade de um património muito envelhecido numa universidade com um património riquíssimo. Temos o melhor campus da Costa. Em termos de equipamentos, temos um campus muito moderno aqui na ilha de Santiago. Na cidade da Praia, mas também temos edifícios que nós conseguimos não só construir como renovar tanto na ilha de São Vicente, como aqui em Santiago. Hoje, temos mais de 30 laboratórios e condições tecnológicas excepcionais. Portanto, conseguimos aproveitar e capitalizar os recursos da própria universidade, que era uma universidade que não tinha muitos recursos e, contrariamente ao que acontece no Brasil, onde as universidades públicas são financiadas 100%

pelo Estado, a nossa universidade só é em 34%, o que significa que a universidade tem que procurar recursos para financiar o valor restante. Aqui em Cabo Verde, paga-se mensalidade também na pública. A maior parte dos estudantes paga mensalmente um valor dividido em parcelas. Uma universidade, num contexto insular, atrai estudantes de todas as ilhas. Nós tínhamos um desafio que era relacionado ao deslocamento dos estudantes. Para amenizar esse problema com o deslocamento, conseguimos três blocos de residência. Além da infraestrutura, nós conseguimos esse serviço das residências, que, para mim, foi uma grande conquista. Avalio como um período de grandes avanços, porque criamos um ecossistema de investigação que, até hoje, ainda está em vigor e que permitiu à nossa universidade projetar-se ainda mais a nível internacional. O nosso sistema de internacionalização também teve um impacto muito grande. Nós conseguimos diversificar as relações, tanto com universidades brasileiras, como portuguesas e espanholas. Depois, nós temos outros países, como a China, com mobilidade acadêmica, além da Polônia, França e Estados Unidos.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Qual o seu ponto de vista a respeito do intercambio científico-cultural Brasil x Cabo Verde?

A nossa universidade tem uma relação muito estreita com o Brasil desde o início. A universidade teve um suporte muito grande do Brasil, principalmente com apoio da CAPES. Desde a fundação da nossa universidade houve uma vontade política entre os dois governos em estreitar essas relações. Hoje temos relações com muitas universidades brasileiras. Eu nem sei dizer todas, são muitas! Os nossos professores foram formados no mundo inteiro, portanto você já viu qual é o meu perfil. A maior parte dos meus colegas tem um perfil semelhante ao meu. Fizeram licenciatura, mestrado e doutorado em diferentes países. As experiências que nós trazemos vem do mundo inteiro, e com o Brasil a relação é muito especial. Por exemplo, eu acredito que o nosso português, a língua, tem mais proximidade com o do povo brasileiro. Nos identificamos muito com a cultura brasileira de uma maneira geral. Vemos muitas novelas brasileiras, sucesso por aqui! Daí a influência do português brasileiro. Eu penso que essa relação com o Brasil é forte desde o início em razão de uma abertura das suas instituições para os cabo-verdianos. Nas últimas décadas essa aproximação foi mais efetiva por conta dos incentivos dos órgãos de fomento brasileiros. Penso que essa cooperação deve continuar a ser reforçada através das bolsas da CAPES e das cooperações entre os Programas de Pós-graduação.

**Luis Ricardo/Vládia Oliveira:** Como podemos contribuir para a melhoria da qualidade de vida das nossas populações mais carentes? Como a Geografia pode auxiliar nesse processo?

Eu acho que a Geografia já tem contribuído muito. Penso que, através do ensino da Geografia, ele permite a pessoa que quer apreender se apropriar dos conhecimentos da Geografia. É uma área que engloba cultura geral de forma abrangente, além da Geografia Econômica, Geografia da População, Meteorologia, Climatologia, Geografia Física. De uma maneira geral, pensamos nos fenômenos do ordenamento do território, desenvolvimento sustentável, ecologia urbana etc. Acabamos por concretizar aquilo que os clássicos da Geografia designavam como o papel da própria Geografia. Essa particularidade da Geografia é muito relevante no contexto do desenvolvimento do nosso

planeta e dos países. O geógrafo, quando vai estudar o território, faz uma espécie de análise espacial em quase tudo. Acho que começamos por ver a morfologia, mas já estamos a ver a ocupação de casas: onde é que essas casas estão, se é na encosta, se é muito inclinada, não é muito inclinada, como é que é quando chove. É isso que o geógrafo exerce: consegue analisar as infraestruturas e os equipamentos, sobrepõe a informação e transforma isso numa análise robusta para uma decisão mais adequada. Eu acredito que é essa a importância da Geografia, mesmo que ainda não tenha sido apropriada pelas decisões em instâncias diversas. Eles, os governantes, não têm noção dessas competências do geógrafo e, normalmente, consideram o geógrafo como aquele generalista que fala de tudo, mas não sabe fazer o concreto. O concreto seria saber construir uma casa, saber desenhar uma casa, pensar o que se passa à volta da casa. Isso é só teoria! Como é que estou a dizer? Eu acredito piamente que os estudos da Geografia permitem, com essa análise setorial, servir de suporte muito robusto à tomada de decisões na área do planejamento, ordenamento e do desenvolvimento estratégico, talvez a nível internacional, como a nível nacional, como a nível municipal e intermunicipal ou mesmo no campo. Para qualquer escala, a Geografia é importante, precisamente para fazer essas pontes e conseguir ver as nuances do fenômeno que outros especialistas também visualizam. Fomos treinados para identificar as relações entre o físico e o humano: quais são as relações de causa e efeito entre os fenômenos. É na interdisciplinaridade e na transdisciplinaridade, nessa cooperação, que eu acho que seremos mais úteis, ou seja, desenvolver estudos que realmente sejam relevantes para o desenvolvimento sustentável.



Foto: Atividade de campo no estado do Ceará - Brasil, acompanhada da Professora Vládia de Oliveira (UFC), Elisa Zanella (UFC) e Marcos Nogueira de Souza (UECE), 2018.



Foto: Palestra realizada na Universidade Federal do Ceará – UFC, 2018.

## SUGESTÕES DE LEITURA

AMARAL, I. do. **Santiago de Cabo Verde**: a terra e os homens. 2. ed. Lisboa: Associação das Universidade de Língua Portuguesa; Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa; Instituto de Investigação Científica Tropical; Universidade do Algarve; Universidade de Cabo Verde, 2007.

NASCIMENTO, J. M; MORENO-MEDINA, C; RODRIGUES, A. N; DINIS, H. **The human mobility as strategy facing the volcanic risks**: the case of Ilha do Fogo (Cape Verde). Global Change and Human Mobility. Springer, 323-347, 2016.

OLIVEIRA, V. V. de; GOMES, G, I. BAPTISTA, I. RABELO, L. S. (Orgs). **Cabo Verde**: Análise socioambiental e perspectivas para o desenvolvimento sustentável em áreas semiáridas. Fortaleza, Ed UFC, 2012.

OLIVEIRA, Vládia Pinto Vidal de. INDICADORES BIOFÍSICOS DE DESERTIFICAÇÃO, CABO VERDE/ÁFRICA (indicadores biofísicos de desertificação, Cabo Verde/África). **Mercator**, Fortaleza, v. 22, pp 147 a 168, junho de 2011. ISSN 1984-2201. Disponível em: < <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/623> >. Data de acesso: 22 de junho de 2025.

Entrevista realizada em março de 2025

## SOBRE OS AUTORES

**Luis Ricardo Fernandes da Costa**  - Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES. Foi Chefe do Departamento de Geociências (gestão 2023/2024) e Coordenador Didático do Curso de Licenciatura em Geografia (gestão 2021/2022). Doutor em Geografia (2017) pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, com período sanduíche na Universidade de Cabo Verde - Uni-CV. É Licenciado (2012) e Mestre (2014) em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Editor Adjunto da Revista Verde Grande: Geografia e Interdisciplinaridade, vinculada ao Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros. Atualmente é Coordenador do Núcleo de Estudos Sismológicos e pesquisador do Laboratório de Geografia Física da mesma Instituição. Atua na área da geografia física com ênfase em geomorfologia, mapeamento geomorfológico e análise ambiental em áreas degradadas/desertificadas.

E-mail: luis.costa@unimontes.br

**Vládia Pinto Vidal de Oliveira**  - Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC), com Doutorado em Engenharia Agronômica pela Universidade de Almería (UAL), convalidado em Geografia Física (UFC). Geóloga (UNIFOR) e Mestre em Agronomia (UFC), com especializações em Gerenciamento Costeiro (UFC), Desertificação (PNUMA/ONU/IADIZA/CRICYT -Argentina), Recuperação e Conservação de Solos Salinos (PNUMA/CIP/USSR Moscou-Yerevan e Tashkent). Atua como docente nos programas de Pós-Graduação em Geografia e Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA). Coordenou projetos internacionais como WAVES/CNPq/BMBF, ALFA-ECOZONAR, Hidroponia no Semiárido e Pró-África (Cabo Verde). Participou do projeto INNOVATE (Brasil-Alemanha) e coordenou o Mestrado PRODEMA-UFC (2004-2008, 2015) e o Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente em Rede (2009-2013). É editora-chefe da Revista REDE-PRODEMA e coordenou o Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente em parceria com a Universidade de Cabo Verde (2014-2018). Bolsista de Produtividade do CNPq (2008-2014), lidera Grupos de Pesquisa em Ecodinâmica e Recuperação Ambiental. Atua como especialista na Comissão das Nações Unidas para o Combate à Desertificação. Possui experiências em geociências, zoneamento ambiental, Zoneamento Ecológico-Econômico, solos na dinâmica de paisagens, sensoriamento remoto e planejamento territorial.

E-mail: vladia.ufc@gmail.com

**Data de submissão: 20 de setembro de 2024**

**Aceito para publicação: 15 de junho de 2025**

**Data de publicação: 29 de junho de 2025**